



PRIMEIRO
CAPÍTULO
GRÁTIS

A CEIA DO SENHOR

Thomas Watson



A CEIA DO SENHOR



Thomas Watson



OS PURITANOS

A CEIA DO SENHOR

— *Thomas Watson*

Traduzido do original inglês: *The Lord's Supper*

Os Puritanos © 2015.

1.^a Edição em Português – Junho de 2015 – 1.000 exemplares.

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação sem a autorização por escrito do editor, exceto citações em resenhas.

EDITOR: Manoel Canuto

TRADUTOR: Valter Graciano Martins

REVISORES: Márcio Santana Sobrinho, Waldemir Magalhães

DESIGNER: Heraldo Almeida

ISBN: 978-85-62828-29-4

Gravura da capa: “A Scottish Sacrament” (óleo sobre tela) do pintor Henry John Dobson (1858-1928) que retrata a administração da Ceia do Senhor em uma igreja presbiteriana escocesa. A pintura está agora na Galeria de Arte Cartwright Hall, em Bradford, Inglaterra.

SUMÁRIO

Epístola ao Leitor.....	7
Apresentação do Editor da Versão em Inglês	9
1. O Mistério da Ceia do Senhor	11
2. A Consagração dos Elementos	17
3. Os Benefícios da Ceia do Senhor	25
4. O Amor de Cristo Exibido no Sacramento	31
5. O Corpo Partido de Cristo	37
6. O Sangue de Cristo	41
7. Autoexame.....	47
8. Verdadeira e Falsa Fé	55
9. Objeções Contra o Achejar-se ao Sacramento	65
10. Gratidão a Deus	77
11. Consolação para os Crentes e Advertências Para os Incrédulos	81

EPÍSTOLA AO LEITOR

Leitor cristão,

Quando contemplo a santidade e solenidade do bendito sacramento, outra coisa não me ocorre senão certa punção em meu espírito, e vejo em mim a obrigação de manter este mistério na mais elevada veneração. Os elementos do pão e vinho são em si mesmos comuns, mas sob estas representações simbólicas jazem ocultas excelências divinas. Eis aqui a melhor das guloseimas: Deus nos convida à sua festa. Eis aqui o fruto da Árvore da Vida; eis aqui a “casa do banquete” onde a bandeira da livre graça é gloriosamente exibida: “Levou-me à casa do banquete, e seu estandarte sobre mim era o amor” (Ct 2.4).

No sacramento vemos Cristo partido diante de nós, e seu corpo partido é o único conforto para o coração alquebrado. Enquanto nos assentamos em torno desta mesa, o precioso condimento de Cristo exala sua fragrância de mérito e graça. O sacramento é tanto uma ordenança curadora quanto seladora. Aqui nosso Salvador conduz seu povo ao Monte da Transfiguração e lhes dá um vislumbre do paraíso. Quão bem-vindo deve ser este jubileu da alma, no qual Cristo se manifesta no esplendor de sua beleza e traça douradas linhas de amor no centro do coração crente.

Oh! Que chamadas de devoção deveriam arder em nosso coração! Quão ágeis e lépidos deveríamos ser, subindo com asas de querubins, quando somos capacitados a encontrar o Príncipe da

Glória, que traz em sua boca o ramo de oliveira de paz e cujos ósculos deixam uma marca celestial impressa na alma. O propósito deste discurso que se segue é exercitar santos ardores de alma quanto à participação neste sacramento.

Não se deve pensar que é suficiente ser exteriormente devoto junto à mesa de Deus, achegando-se a ele com os lábios, quando o coração está longe dele: “este povo se aproxima de mim, e com sua boca, e com seus lábios me honra, mas seu coração se afasta para longe de mim e seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens, em que foi instruído; portanto, eis que continuarei a fazer uma obra maravilhosa no meio deste povo, uma obra maravilhosa e um assombro; porque a sabedoria de seus lábios perecerá, e o entendimento de seus prudentes se esconderá” (Is 29.13-14). O que é isto senão que Efraim se achega a Deus com mentiras (Os 11.12)? Os que se achegam a Deus com meras exhibições, ele lhes despedirá com meros sinais. Os que prestam a Deus apenas uma obediência rasa terão de contentar-se com uma casca de conforto.

A espiritualidade é a vida do culto. Se nos achegamos ao sacramento em devida ordem, veremos aquele a quem nossas almas amam: “Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice” (1Co 11.28).

O Senhor nos dará aqui um antegoço, e reservará a fruição da glória para o reino celestial. Que isto seja efetuado é a oração deste que é vosso na obra do evangelho,

Thomas Watson
Londres, 1665.

APRESENTAÇÃO DO EDITOR

DA VERSÃO EM INGLÊS

Esta rara obra foi originalmente publicada em 1665 com o título *The Holy Eucharist, ou The Mystery of the Lord's Supper Briefly Explained*. Ainda que sucinto, ele é digno de perfilar com outros escritos de Thomas Watson republicados pela Trust.^[1]

Para Watson, a Ceia do Senhor era um espelho no qual contemplamos os sofrimentos e morte de Cristo, e era, em certos aspectos, um meio de graça mais excelente do que a pregação da Palavra: “Um sacramento é um sermão visível. E nisto o sacramento sobressai à Palavra pregada. A Palavra é uma trombeta que proclama Cristo; o sacramento é um espelho que o representa... Deus, para ajudar nossa fé, não só nos dá a Palavra audível, mas também um sinal visível.”

Ele cria que o sacramento era uma inestimável dádiva do Salvador à igreja, em cujo correto uso a fé do povo de Deus é confirmada e fortalecida e suas almas recebem grande benefício.

Ele cria que se devem evitar dois extremos. Um deles é a doutrina da transubstanciação, a qual vai de encontro tanto à Escritura quanto à razão e profana a instituição da Ceia feita por

[1] *A Body of Divinity*, *The Ten Commandments*, e *The Lord's Prayer*, que, juntos, formam o *Watson's Body of Practical Divinity*, e, na série de brochuras puritanas, *All Things for Good*, *The Doctrine of Repentance*, *The Godly Man's Picture* e *The Great Gain of Godliness*.

Cristo. O outro é o erro dos que consideravam a Ceia apenas como uma sombra vazia sem nenhuma eficácia intrínseca para os crentes: “Por que a Ceia do Senhor é chamada ‘a comunhão do corpo de Cristo’ (1Co 10.16), senão porque na celebração correta dela temos doce comunhão com Cristo? (...) Fazer do sacramento apenas uma representação de Cristo é apequenar o sacramento, o que redundaria em pouco conforto.” Esse ponto de vista se fundamenta no ensino de Calvino que considerava o sacramento um meio de graça pelo qual, através da fé, Cristo opera eficazmente no crente.

Alguns protestantes podem estar dispostos a dissentir desta posição, mas ninguém que ama a nosso Senhor Jesus Cristo deixará de ser tocado e abençoado pelo ardor e devoção ao Salvador que se encontram na exposição de Watson.

Os editores desejam agradecer ao Sr. Roger N. McDermott que transcreveu cuidadosamente a obra de Watson de uma cópia da Bodleian Library, Oxford, e ajudou a prepará-la para sua publicação.

O EDITOR

Edinburgh

Janeiro de 2004

O MISTÉRIO DA CEIA DO SENHOR

“Enquanto comiam, tomou Jesus um pão, e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo. A seguir, tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados” (Mt 26.26-28).

Nestas palavras, temos a instituição da Ceia do Senhor. Os gregos chamam o sacramento de *mysterion*: um mistério. Há nela um mistério de maravilha e um mistério de misericórdia. “A celebração da Ceia do Senhor é a comemoração da maior bênção que o mundo já desfrutou”, diz Crisóstomo.^[2] Um sacramento é um sermão visível. E nisto o sacramento sobressai à Palavra pregada. A Palavra é uma trombeta que proclama Cristo; o sacramento é um espelho que o representa.

PERGUNTA: Mas, por que o sacramento da Ceia do Senhor foi instituído? Acaso a Palavra não é suficiente para conduzir-nos ao céu?

[2] João Crisóstomo (347-407), “a boca de ouro”; bispo de Constantinopla e notável pregador.

RESPOSTA: A Palavra é para a implantação da fé; o sacramento é para a confirmação da fé. A Palavra nos conduz a Cristo; o sacramento nos edifica nele. A palavra é a fonte em que somos batizados com o Espírito Santo; o sacramento é a mesa onde somos alimentados e nutridos. O Senhor condescende à nossa fraqueza. Se fôssemos formados somente de espírito, não haveria necessidade de pão e vinho; todavia, somos criaturas compostas. Por isso Deus, para socorrer nossa fé, não só nos dá uma Palavra audível, mas também um sinal visível. “Et sensus fovetur, et fides firmatur” [O sentido é alimentado e a fé é fortalecida]. Recorro aqui à palavra de nosso Salvador: “Se não virdes sinais e milagres, não creereis” (Jo 4.48). “Por sermos alimentados por coisas externas, Deus aumenta em nós a fé por meio desses símbolos” (Gualter).^[3]

Aquilo que entra pelos nossos olhos opera em nós mais do que aquilo que entra pelos ouvidos. Uma grave cena de morte nos afeta mais do que uma oração. Assim, quando vemos Cristo partido no pão, como se fosse crucificado diante de nós, isso afeta mais nosso coração do que a mera pregação da cruz.

E assim passo ao texto de Mateus 26.26-28 para dar início a estes cinco particulares em referência ao sacramento: 1. O autor; 2. O tempo; 3. O modo; 4. Os participantes; e 5. Os benefícios.

1. O autor do sacramento é Jesus Cristo.

“Jesus tomou o pão.” Instituir sacramentos pertence por direito a Cristo, e é o ornamento de sua coroa. Somente aquele que pode outorgar graça pode instituir os sacramentos, os quais são o selo da graça. Sendo Cristo o fundador do sacramento, ele lhe concede glória e esplendor. Quando um rei faz uma festa, ele lhe adiciona mais pompa e magnificência. “Jesus tomou o pão”, aquele cujo Nome é acima de todo nome (Fp 2.9); Deus bendito para todo o sempre.

[3] *Quia externis ducimur, hisce symbolis fidem in nobis adauget Deus.* Rudolf Gualter (1519-86) foi um reformador suíço e sucessor de Bullinger em Zurique.

2. O tempo em que Cristo instituiu o sacramento.

Quanto ao tempo em que Cristo instituiu o sacramento, podemos observar duas circunstâncias:

i. Isso se deu quando haviam ceado (Lc 22.20: “depois de cear”); ceia que continha mistério, para mostrar que a meta do sacramento é ser principalmente um banquete *espiritual*; não visa a empanturrar os sentidos, e sim a suprir as graças. Isso se deu “*depois* de cear”.

ii. A outra circunstância de tempo é que Cristo instituiu o sacramento pouco antes de seus sofrimentos. “O Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão” (1Co 11.23). Ele tinha plena ciência dos problemas que sobreviriam aos seus discípulos; a perplexidade deles não seria pouca por ver seu Senhor e Mestre crucificado; e logo depois teriam de beber com ele um cálice amargo; por isso, para armá-los contra tal momento e animá-los o espírito, naquela mesma noite em que foi traído ele lhes dá seu corpo e sangue no sacramento.

Isto pode nos sugerir que em toda aflição mental, especialmente ante a aproximação do perigo, é necessário que recorramos à Ceia do Senhor. O sacramento é, respectivamente, um antídoto contra o temor, e a restauração da fé. “Na noite em que foi traído, ele tomou o pão” (1Co 11.23).

3. O modo da instituição, no qual há quatro coisas a serem observadas:

- i.** O ato de tomar o pão;
- ii.** O ato de abençoá-lo;
- iii.** O ato de parti-lo;
- iv.** O ato de administrar o cálice.

i. O ato de tomar o pão: “Jesus tomou o pão.”

PERGUNTA: O que está implícito na frase “tomou o pão”?

RESPOSTA: O ato de Cristo tomar o pão do uso comum implicava um duplo mistério.

a. Significava que Deus, em seu decreto eterno, separou Cristo para a obra de nossa redenção. Ele era o *kechorismenos*, separado dos pecadores (Hb 7.26).

b. O ato de Cristo separar os elementos do pão e do vinho comuns revelava que ele não se destina à nutrição de pessoas comuns. Deve ser divinamente purificado aquele que toca estas santas coisas de Deus. Devem ser exteriormente separados do mundo e interiormente santificados pelo Espírito.

PERGUNTA: Por que Cristo tomou o pão, em vez de outro elemento?

RESPOSTA: Porque o pão o *prefigura*. Cristo foi tipificado (a) *pelo pão da proposição*: “Também fez Salomão todos os objetos que convinhão à casa do SENHOR; o altar de ouro, e a mesa de ouro, sobre a qual estavam os pães da proposição” (1Rs 7.48); (b) *pelo pão que Melquisedeque ofereceu a Abraão*. “E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho” (Gn 14.18); e (c) *pelo pão que o anjo trouxe a Elias*. “E olhou, e eis que à sua cabeceira estava um pão cozido sobre as brasas” (1Rs 19.6). Portanto, Cristo tomou o pão em correspondência ao tipo.

Cristo tomou o pão também por causa da analogia; pão o lembra bem de perto: “Eu sou o pão da vida” (Jo 6.48). Há uma tríplice semelhança.

a. O pão é útil. Outros confortos servem mais ao deleite que à utilidade. A música deleita aos ouvidos; as cores, aos olhos; mas o pão é o arrimo da vida. Portanto, Cristo é proveitoso. Não há subsistência sem ele: “quem de mim se alimenta por mim viverá” (Jo 6.57).

b. O pão satisfaz. Se uma pessoa tem fome e você lhe traz flores ou quadros, tais coisas não satisfazem; mas o pão satisfaz plenamente. Assim Jesus Cristo, o pão da alma, satisfaz; ele satisfaz os olhos com beleza, o coração com dulçor, a consciência com paz.

c. O pão fortalece. “O pão que fortalece o coração do homem” (Sl 104.15, ACRF). Assim Cristo, o pão da alma, transmite vigor. Ele nos fortalece contra as tentações, comunica vigor para realizar e suportar trabalho. Ele é como o pão que o anjo levou ao profeta: “Levantou-se, pois, e comeu e bebeu; e com a força daquela comida caminhou quarenta dias e quarenta noites até Horebe, o monte de Deus” (1Rs 19.8).

ii. A segunda coisa na instituição é Cristo abençoando o pão. Ele o abençoou: “Pela bênção de Cristo, o pão comum adquiriu uso santo” (Gualter).^[4] Esta foi a consagração dos elementos. Cristo, por sua bênção, os santificou e fez deles símbolos de seu corpo e sangue: “*Consagrar* significa tornar solenes coisas em si mesmas indiferentes aos mistérios religiosos, tal como o sacramento do corpo e sangue de Cristo” (Chamier, *De Eucharistia*).^[5] Nossa análise disto continua no próximo capítulo.

[4] *Benedictione Christi panis communis in sacrum mutatus est.*

[5] *Consecratio vocabulum est solenne significans id quo per se aliena sunt a mysteriis religiosis, sint sacramenta corporis et sanguinis Christi.* A referência é a uma obra de Daniel Chamier publicada em Genebra em 1626.

A CEIA DO SENHOR

Thomas Watson

VISITE-NOS
OS-PURITANOS.COM

“Thomas Watson é sublime ao descrever a Ceia do Senhor como um sacramento visível, um espelho no qual contemplamos o Salvador que nos substituiu na casa do banquete na qual nos alimentamos dele, e um vislumbre da glória celestial. Esse precioso livro aprofundará sua apreciação da Ceia do Senhor e estimulará seu amor tanto pelo Deus trino como por seus irmãos na fé. Recomendando com entusiasmo esta obra-prima”.

— *Dr. Joel Beeke*, Presidente do Puritan Reformed Theological Seminary, Grand Rapids, Estados Unidos.

“No prefácio que escreveu aos leitores desta obra, Thomas Watson diz que a Ceia do Senhor deve ser encarada com a mais alta reverência pelos crentes. A razão é que quando partilhamos do pão e do vinho é como se partilhássemos um fruto da Árvore da Vida. Este pequeno livro irá ajudar você a entender o que é a Ceia do Senhor, mas — o que é muito mais importante — irá ajudá-lo a recebê-la com uma fé verdadeira, que traga benefícios à sua alma”.

— *Daniel Hyde*, pastor da Oceanside United Reformed Church, Carlsbad/Oceanside, CA, Estados Unidos.

“Thomas Watson foi um dos escritores mais lidos e populares entre os puritanos ingleses. Este pequeno guia nos leva ao coração, ao cerne da Ceia do Senhor, estimulando e confirmando nossa confiança e convicção na morte de Cristo para a nossa salvação. Depois de explicar por que devemos ter em alta estima o que Cristo fez por nós em sua morte, Watson nos ensina a como nos preparar para participar da Ceia, como para desfrutar deste momento em que a recebemos e como obter um crescente e duradouro benefício e encorajamento da Ceia”.

— *Pr. Sherman Isbell* é ministro presbiteriano da Free Church of Scotland (Continuing) em Washington DC e editor da revista “The Master’s Trumpet”.



OS-PURITANOS.COM

ISBN 978-85-62828-29-4

